

CASA E CIDADE: espaços afetivos na poesia de Sophia de Mello Breyner**Andresen**Sheyla Susana NASCIMENTO¹**RESUMO**

Na obra de Sophia de Mello Breyner Andresen, os espaços casa e cidade se manifestam através de uma escolha imagística fundamentada em valores moralmente significativos. Nessa perspectiva, seguindo o conceito de imagem poética tal como se encontra na obra de Gaston Bachelard, fundamentamos nosso trabalho a partir das considerações desse autor acerca das imagens poéticas e espaciais, bem como ao conceito de afetividade a partir da virada afetiva. Nesse artigo, os espaços serão evidenciados a fim de confirmar um ideal de integração por trás da aparente dualidade casa/cidade. Pretendemos com essa análise, uma maior contribuição para as discussões a respeito do conceito de afetividade, já que esse é um assunto de grande atualidade para a poesia contemporânea.

Palavras-chave: Sophia de Mello Breyner Andresen. Espaços afetivos. Poesia contemporânea.

1 INTRODUÇÃO

Sophia de Melo Breyner Andresen configura-se no cenário poético como um verdadeiro divisor de águas, já que a representação e o tom aparentemente confessional, muito característico de muitos poetas portugueses do século XX, dão lugar a um estilo peculiar e característico que é próprio da autora em conceber o poema a partir da personificação. Este fato ressalta a importância inquestionável de Andresen para a poesia portuguesa contemporânea.

Eduardo Prado Coelho, em seu ensaio **A lírica e a lógica** (1980), cita Eduardo Lourenço, que no prefácio a uma célebre Antologia de Sophia de Mello Breyner Andresen (1975) a caracteriza como “um mistério repassado de claridade”, pois, apesar da escrita de Andresen ser marcada a partir de uma linguagem de extrema lucidez, sua poesia versa sobre temas como justiça social, natureza, mar e os espaços do ser humano.

Professor Catedrático da Universidade Nova de Lisboa e especialista na obra de Sophia, o escritor português **Carlos Ceia** (1961), doutorou-se em 1993, com tese

¹ Licenciada e graduanda (bacharelado) em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bolsista CNPQ/PIBIC no Projeto de pesquisa Grupo Desassossego da Universidade Federal da Bahia (UFBA). **E-mail:** susanacordel@hotmail.com

intitulada *The Way of Delphi: A Reading of the Poetry of Sophia de Mello Breyner Andresen*, publicada em português como **O estranho caminho de Delfos**, no qual, segundo Ceia (2003): “A presentificação que Sophia faz não é representação, porque representamos apenas aquilo que julgamos poder ser revivido” (CEIA, 2003, p. 103). Para o autor, a poeta portuguesa “não revive convictamente as experiências originais, até porque assume que todo o passado é mítico, isto é, irrepetível sequer imaginariamente” (CEIA, 2003 p. 103). Para Ceia (2003), Sophia segue um padrão no qual os vestígios da memória ligados à infância se relacionam ao tempo pessoal vivido, isto se daria pelo tempo passado, já que o presente corresponderia ao momento vivido, moral e socialmente. Esse momento, quando enquadrado ao momento histórico, relaciona-se ao tempo da política, visto pela poeta como um tempo negativo, dividido. (CEIA, 2003, p. 88).

Em oposição à negatividade imanente ao tempo político, facilmente substituído por um tempo de regime ditatorial, sobre o qual iremos discorrer mais adiante, Sophia projeta a sua poesia para uma positiva construção do real, através de uma linguagem transpassada de lucidez, buscando a essência das coisas no presente instante de sua realização. A busca pelo real evidencia-se em “Arte Poética II”, na qual Sophia faz um discurso ao receber o prêmio de poesia por **Livro sexto** (1962). Em “Arte poética II”, especificamente, a poeta discorre sobre a ética de sua poesia: “Pois a poesia é a minha explicação com o universo, a minha convivência com as coisas, a minha participação do real, o meu encontro com as vozes e as imagens” (ANDRESEN, 2011, p. 839).

Por isso, Eduardo Lourenço imprime a Sophia o lugar de poeta que encerra uma tradição de negatividade dialética com uma poesia impregnada de “positividade original”:

Há poucos itinerários poéticos em língua portuguesa tão impregnados de positividade original, tão, de raiz, canto ao rés de uma realidade aceite como esplendor efêmero e eterno e por isso tão isentos de polemismo e intrínseca negatividade, como o de Sophia de Mello Breyner. (LOURENÇO, 1975).

Na poesia de Andresen, a “positividade original” apresenta-se como um traço estético, assim como uma postura ética diante da vida e do seu labor:

Nem me pede uma ciência, nem uma estética, nem uma teoria. Pede-me antes a inteireza do meu ser, uma consciência mais funda do que a minha inteligência, uma fidelidade mais pura do que eu posso controlar (ANDRESEN, 2011, p. 841).

Esta profundidade de consciência, que se sobrepõe à inteligência citada pela autora, estaria diretamente associada à concepção de afeto, desenvolvida pela socióloga americana Patricia Clough em seu recente estudo sobre uma possível virada afetiva nas humanidades. Clough (2010) afirma que: “Os afetos são ontologia de fenômenos, não são dependentes de consciência humana, ou lingüística ou comunicação de voz.” (CLOUGH, 2010, p. 223). Para a autora, o afeto constitui-se como a capacidade do corpo para agir ou se conectar com outros corpos e que ocorre independente do arbítrio ou da vontade, pois seu dinamismo está abaixo da percepção do homem. Nesse sentido, o que fazemos quando experimentamos o afeto pode ser percebido em movimentos, palavras e imagens, no entanto o que somos quando somos afetados escapa completamente a compreensão humana. Essa afeição estaria conectada com a própria sensibilidade ou com o fato de estar vivo em si, o que na poética de Sophia configura-se um princípio de ordem, pois para essa poeta as subjetividades individuais cedem lugar ao sentimento primordial de comunidade. Partindo dessa premissa, o afeto é a primeira instância a se pensar as escolhas imagéticas presentes na obra de Sophia.

Aqui se faz necessário levantar algumas questões acerca de como a discussão sobre os afetos abre questões para a poesia e, mais especificamente, em que medida o afeto relaciona-se com o fazer poético na poesia de Sophia.

Antes de levantar essas questões, é necessário esclarecer o que consideramos como afeto e em qual arcabouço teórico fundamenta-se nossa análise. Assim, iremos nos situar no interior de alguns conceitos teóricos e como estas discussões sobre afeto estiveram em pauta nas últimas décadas.

Lara e Dominguez, em seu artigo *El giro afectivo* (2014), fazem uma análise sobre o fenômeno da virada afetiva a partir do que os autores classificam como duas urgências teóricas: uma emocionalização da vida pública e um esforço para reconfigurar a produção que visa aprofundar o conhecimento. Para esses autores, uma nova forma de pensar a realidade social a partir da emocionalização implicaria uma mudança revolucionária sobre a forma de se produzir conhecimento, uma vez que o alvo seria um novo leitor, capaz de aperfeiçoar considerações sobre a vida social. (LARA; DOMINGUEZ, 2014, p. 101).

Com o impacto das emoções e as consequentes transformações na vida pública, surgiu a necessidade em diferenciar afeto e emoção. Nesse sentido, a americana Patrícia Clough (2010) e o canadense Brian Massumi (1998), ambos destacados pesquisadores da virada afetiva, definem o afeto como a capacidade do corpo em afetar e ser afetado por

“forças corpóreas pré-individuais que aumentam ou diminuem a capacidade do corpo em agir” (CLOUGH, 2010, p. 207). A emoção estaria associada ao sentir como expressão consciente dos sentimentos, já que o afeto seria um “fluxo impessoal antes de ser um conteúdo subjetivo” (MASSUMI, 1998, p. 61). Nessa perspectiva, pensando o afeto como a capacidade para ação, e a forma como agimos, uma postura ética diante da vida, podemos afirmar que a ética está necessariamente relacionada ao conceito de afetividade, pois, sendo o afeto impulso que aumenta ou diminui a força dos corpos em agir, aqui, o afeto é a força determinante nas escolhas de uma poeta, mais especificamente, nas escolhas éticas de uma poesia. A crítica argentina, Diana Klinger, em seu livro **Literatura e ética** (2014), recupera a teoria do afeto em Spinoza e faz uma inferência entre afeto e ética:

Afeto é o nome que Spinoza designa como afecção: “Entendo por paixões (affectus) as afecções (affectiones) do corpo que aumentam e diminuem a potência de agir” (*Ética*, III, def.3). Nesse sentido, afeto é um termo central para pensar a ética. Ética como forma de estar no mundo, escolha existencial pela potência. (KINGLER, 2014, p. 82).

Na esteira de Spinoza, Klinger (2014) entende a relação entre afeto e ética como postulados indissociáveis, já que a ética seria consequência de um processo afetivo no qual as paixões e afecções do corpo, em alternância de intensidade, definiriam a capacidade de ação deste corpo, ou seja, o posicionamento ético diante da existência e dos acontecimentos. Dessa forma, a escolha em agir ou permanecer imóvel está diretamente associada a como somos afetados pelas circunstâncias, por pessoas ou pelos espaços. Essa escolha existencial pela potência é o que define, por exemplo, a postura ética de um artista e o seu poder de afetação, mesmo fora do âmbito da sua vontade. Consciente das relações de poder intrínsecas ao ato da escrita, Sophia estabelece como pressuposto ético da sua arte a influência afetiva de um artista, independente do seu desejo de sociabilidade: “O artista, mesmo aquele que mais se coloca à margem de uma convivência, influenciará necessariamente, através da sua obra, a vida e o destino dos outros” (ANDRESEN, 2011, p. 842). Essas relações de poder são sempre fruto de um sistema de valores ou critérios estéticos adotados por cada artista, e se manifestam a partir de determinada situação histórica e social. (KLINGER, 2014, p. 81).

Dentro do poema, a escolha de algumas palavras, de uma ordem sintática e de algumas imagens em detrimento de outras servem como coordenadas que nos permitem ler o posicionamento afetivo desse poeta diante do seu labor poético. Nesse sentido,

pensando a escrita como um ato linguístico de cunho político e social, há de se atentar para as implicações éticas e morais resultantes dessa dinâmica afetiva entre um escritor e suas escolhas imagéticas. Para Sophia, a temática dos espaços vai além de uma simples dicotomia espacial, configura-se um princípio poético de essencialidade do ser e estar no mundo, ideal de integração poética e moral.

No sentido de apreender a imanência afetiva dessa poesia em questão, consideramos pertinente relacionarmos o conceito de afeto à fenomenologia da imagem, pois acreditamos tratar-se do fundamento teórico necessário para analisarmos algumas das escolhas imagéticas em Sophia ou ao menos apontar uma motivação para as imagens espaciais em sua obra. Para isso, fundamentamos nossa análise nos pressupostos teóricos sobre **A poética do espaço** (1993), obra na qual o filósofo francês Gaston Bachelard discorre sobre a fenomenologia da imagem aplicada aos espaços da casa, do quarto, do redondo, da miniatura, entre outros.

Pensando sobre a concepção de afeto exposto por Clough (2010), quando esta afirma ser o afeto uma instância independente da consciência humana (CLOUGH, 2010 p. 223), relacionamos o afeto ao que diz Bachelard (1993) sobre a “consciência ingênua” da fenomenologia da imagem:

Em sua simplicidade, a imagem não tem necessidade de um saber. Ela é a dádiva de uma consciência ingênua. Em sua expressão, é uma linguagem criança. Para bem especificar o que pode ser uma fenomenologia da imagem, para especificar que a imagem vem *antes* do pensamento, seria necessário dizer que a poesia é, mais que a fenomenologia do espírito, uma fenomenologia da alma (BACHELARD, 1993, p. 4).

A partir dessa relação **afeto-imagem**, poderíamos dizer, grosso modo, ser o afeto, assim como a fenomenologia da imagem – ambos imbricados e independentes de uma consciência intencional – artificios da “alma” utilizados por Sophia para tecer o poema e, a partir dele, presentificar o real. Isso porque, em “Arte poética II”, a poeta destaca a fundamental importância do real em seu fazer poético: “Sempre a poesia foi para mim uma perseguição do real” (ANDRESEN, 2011, p. 841). Ao definir essa busca como o princípio de sua criação poética, a autora faz uma constante descrição dos espaços da casa e da cidade, imprimindo à sua poesia um caráter de essencialidade do estar no mundo, que por sua vez confunde-se com o ser: “Procurar a inteireza do estar na terra é a busca da poesia” (ANDRESEN, 2011, p. 834). Nesse sentido, a fenomenologia da imagem proporciona a essa poesia um verdadeiro encontro com a subjetividade do poeta, pois

como afirma Bachelard (1993): “A imagem é obra pura da imaginação absoluta, é um fenômeno do ser” (BACHELARD, 1993, p. 88).

Nessa perspectiva, tomando o fenômeno da imagem como um fenômeno do ser, as imagens referentes ao espaço doméstico e urbano nessa poesia evidenciam valor simbólico no qual a casa e a cidade estão longe de serem simples referências tópicas, como afirma Bachelard (1993): “O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e a reflexão do geômetra. É um espaço vivido” (BACHELARD, 1993, p. 19). Este é o ponto de partida para compreendermos, a partir da presença dos espaços (casa/cidade), o princípio ético e afetivo dessa poesia.

2 CASA: primeiro universo

De acordo com Sophia, “Há sempre um Deus fantástico nas casas em que eu vivo”. (ANDRESEN, 2011). “Porque a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo” (BACHELARD, 2000, p. 24). Assim como em Bachelard (2000), para Sophia, o ideal de integração começa no valor simbólico da casa. Primeiro espaço habitado, a casa é o berço do homem, o lugar da infância. Essa aura mística, intrínseca ao espaço doméstico, é frequentemente acionada em “Habitação”, poema do livro **Ilhas** (1989):

Muito antes do chalet
Antes do prédio
Antes mesmo da antiga
Casa bela e grave
Antes de solares palácios e castelos
No princípio
A casa foi sagrada –
Isto é habitada
Não só por homens e por vivos
Mas também pelos mortos e por deuses

Isso depois foi saqueado
Tudo foi reordenado e dividido
Caminhamos no trilho
De elaboradas percas
Porém a poesia permanece
Como se a divisão não tivesse acontecido
Permanece mesmo muito depois de varrido
O sussurro de tílias junto à casa de infância
(ANDRESEN, 2011, p. 733).

No poema, o eu lírico enaltece o passado mítico da casa através de referências aos arquétipos de moradia que atravessaram o tempo. Aqui a casa é antes de tudo um espaço habitado, e pelo seu valor de intimidade, na relação sujeito e espaço, se constitui sagrada. Na sequência das estrofes, o princípio de integração é quebrado e a mácula da divisão separa o sujeito moderno de uma possível confluência com o cosmos. No entanto, mesmo depois da ruptura, diante das construções arquitetônicas “*chalet*”, “*prédio*”, “*castelo*”, o poema e o valor simbólico da habitação permanecem.

A imagem da casa, antes sagrada pela função de abrigar, surge no poema “Vela” do livro **Geografia** (1967), dotada de certo animismo e através de um perfil comportamental, ganha vida e vontade própria:

Em redor da luz
A casa sai da sombra
Intensamente atenta
Levemente espantada

Em redor da luz
A casa se concentra
Numa espera densa
E quase silabada

Em redor da chama
Que a menor brisa doma
E que um suspiro apaga
A casa fica muda

[...]

(ANDRESEN, 2011, p. 468).

Nesse poema, o espaço é personificado e a poeta atribui à casa características e atitudes humanas. “A casa sai da sombra” “atenta” e “espantada”, e dessa forma, se concentra em uma espera densa, “a casa fica muda”. Em Sophia, assim como a personificação, a imagem da casa se materializa na substância do poema. Em “Breve encontro”, poema do livro **O nome das Coisas** (1977), essa relação entre **habitação-vida-poema** se estabelece, metaforicamente, através do amor presente nas palavras demoradas:

Este é o amor das palavras demoradas
Moradas habitadas
Nelas mora
Em memória e demora
O nosso breve encontro com a vida
(ANDRESEN, 2011, p. 626).

Verifica-se, portanto, que tanto a casa como o poema são espaços sagrados, pois, assim como homens e deuses habitam a casa², as palavras habitam o poema. O desejo de permanência evidencia-se no jogo metalinguístico, no qual o verbo “morar” assume diversas faces: “demora”, “mora”, “morada”. Para a poeta, diante do breve encontro com a vida, permanece a memória da casa, na qual guardamos os instantes preciosos da infância, assim como permanece o poema, onde moram as palavras demoradas. A imagem da casa, para além do humano ou do poético, apresenta-se como a deusa de sua simbologia, pois no poema “Meio da vida”, **Livro sexto** (1962), a própria casa “compõe uma por uma as suas sombras”, como só a um Deus foi permitido, “a casa prepara à tarde”, a “doçura da vida” (ANDRESEN, 2011, p. 408).

Em Sophia, observando as imagens acionadas a partir do espaço da casa, fica evidente o quão plurissignificativo pode ser esse espaço. Inclusive quando se trata de referências aos espaços íntimos, a exemplo do quarto, um tema recorrente nessa poesia, assim como na escrita feminina: “A coisa mais antiga de que me lembro é de um quarto em frente do mar” (ANDRESEN, 2011, p. 841). Para o antropólogo Antônio Risério, em seu livro **Mulher, Casa e Cidade**, isto se daria pelo vasto período histórico no qual as mulheres estavam restritas ao espaço doméstico, implicando, assim, uma relação de e com a intimidade:

Tenho para mim, pelo menos até o momento, que a redução da mulher ao espaço doméstico, durante séculos e nas mais variadas culturas, fez com que, regra geral ou quase geral, a cidade aparecesse como uma espécie de distância algo enevoada ou nebulosa, como coisa sem concretude e dinamismo intenso, na literatura produzida por nossas escritoras. (RISÉRIO, 2015, p. 33).

As consequências dessa segregação refletem-se na constante presença da casa na poesia feminina, em detrimento da cidade, que, vista com distanciamento pelas mulheres, se estabelece como um tema recorrente na literatura escrita por homens: “A cidade não tem, na literatura feita por mulheres, presença comparável àquela que ostenta os fazeres textuais masculinos” (RISÉRIO, 2015, p. 38). Para além das questões de gênero relacionadas aos escritos poéticos sobre a cidade, Sophia se distingue trazendo para sua poesia o símbolo da **urbe** em diferentes aspectos e imagens, pois a dicotomia cidade-lugar-do-masculino / casa-lugar-do-feminino não se sustenta em sua poesia. Para a poeta, homens e mulheres compartilham os espaços pela própria natureza complementar dos

² Poema habitação visto anteriormente.

mesmos.

Pelo viés antropológico, Risério (2015) imprime aos espaços “casa” e “cidade” uma relação de dependência física, “a casa é um fragmento da cidade”, e conceitual; mais do que isso, o autor acredita ser a casa o ponto de partida para o urbanismo “a casa é um pedaço da cidade, o pontapé inicial do jogo urbanístico, um sonho pessoal de fixidez e permanência nas marés instáveis do mundo” (RISÉRIO, 2015, p. 17). Esse sonho pessoal de fixidez está presente em boa parte da poesia escrita por mulheres, tanto que, na concepção de Risério (2015), “A mulher é a grande e principal responsável pela domesticidade moderna” (RISÉRIO, 2015, p. 67). Isto se deu, principalmente, pela necessidade dessas mulheres em reformular o ambiente ao qual foram restritas. Nesse sentido, a necessidade feminina em adaptar o espaço “casa” a um lugar de moradia transformou o ambiente doméstico em “lar”, ou seja, “o nosso canto” no mundo:

Processo histórico-cultural que configurou a dimensão caseira da existência humana, a partir do momento em que a mulher começou a imantar o corpo físico da casa, nela materializando ou procurando materializar as ideias, os conceitos e, a partir de certo ponto, os ideais de intimidade, privacidade e conforto (RISÉRIO, 2015, p. 67).

Nessa perspectiva, sobre a relação mulher-casa, podemos pensar, na medida em que as mulheres materializavam os ideais domésticos da casa, que o mesmo processo acometia os homens em relação à cidade. O que nos interessa aqui não é demonstrar a dualidade casa e cidade a partir de uma questão de gênero, pois o objetivo do presente trabalho é compreender como esses espaços se estabelecem no discurso poético de Sophia enquanto domínios que vão para além de sua finalidade espacial. Na poesia da autora, a casa defende o seu valor de intimidade enquanto moradia, mas também é um cosmos, podendo condensar, como uma miniatura, o valor de uma pátria. No poema “Revolução” do livro **O nome das coisas** (1977), a casa é o símbolo de um país liberto, o dia pós-revolução traz a esperança de um novo governo, capaz de aplacar a degradação pública que se instaurou com a ditadura salazarista e restaurar a dignidade política em Portugal.

Como casa limpa
Como chão varrido
Como porta aberta

Como puro início
Como tempo novo
Sem mancha nem vício

Como a voz do mar
Interior de um povo

Como pagina em branco
Onde o poema emerge

Como arquitetura
Do homem que ergue
Sua habitação
(ANDRESEN, 2011, p. 619).

Segundo Bachelard (1993, p. 225) “a porta é todo um cosmos do entreaberto”, nesta perspectiva, no poema “Revolução” a casa limpa é a imagem de um Portugal renovado, a porta aberta integrando os espaços carrega uma visão do exterior, um ideal de integração. A imagem da página em branco representa o recomeço, “a casa limpa”, na qual se constrói o poema e a habitação do homem. Diante dessa relação Casa-Pátria-Poema, Sophia faz uma promessa: “Eu regressarei ao poema como à pátria a casa” (ANDRESEN, 2011, p. 650).

Roberto DaMatta, em seu livro **A Casa e a Rua**, compreende os espaços, casa e cidade, como duas “categorias sociológicas”:

Estas palavras não designam simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas comensuráveis, mas acima de tudo entidades morais, esferas e ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas (DAMATTA, 1997, p. 15).

Nesse sentido, pensando o que diz DaMatta (1997) sobre casa e cidade como categorias sociológicas, ao relacioná-las à poesia de Sophia, para além de simples espaços, ambas estabelecem domínios morais e politicamente significativos. A partir das múltiplas leituras acerca dos espaços nessa poesia, evidencia-se que a casa, assim como a cidade, guarda um valor simbólico para além da sua geometria, o que corrobora com o ideal de Bachelard (1993) acerca do valor da habitação em detrimento do geométrico nos textos literários, “a dinâmica entre o homem e a casa e a rivalidade dinâmica entre a casa e o universo, a casa vivida não é uma caixa inerte, o espaço habitado transcende o espaço geométrico” (BACHELARD, 1993, p. 62). Em Sophia, esses espaços não permaneceram inertes. Diante das transformações políticas que encerraram o governo do ditador Antônio Salazar, a cidade suja e hostil das primeiras publicações, a exemplo do livro **Poesia** (1944),

dão lugar a uma cidade pós-ditadura, a cidade “Revolução”, **O nome das coisas** (1977).

Ao organizar um conjunto de ensaios com estudiosos portugueses e brasileiros, intitulado **Escrever a casa Portuguesa** (1999), Jorge Fernandes da Silveira se propõe a demonstrar as subversões pelas quais o símbolo da casa, na produção de romances publicados na segunda metade do século XX, constrói um espaço ficcional e representativo da identidade portuguesa: “A casa é cenário das questões-chave, ainda hoje, para a relação dos portugueses com a sua própria história, consigo mesmos”. (SILVEIRA, 1999, p. 15). Tendo em vista as considerações de Jorge Fernandes da Silveira, a relação entre o objeto real da casa e sua respectiva imagem na literatura se constitui “como uma das formas pelas quais a linguagem mantém, pela preservação ou pela transformação, as suas relações com a cultura” (SILVEIRA, 1999, p. 16). Na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen relacionamos essas mudanças simbólicas da casa às transformações sociais, contribuindo para a revisão da identidade portuguesa assim como para uma análise mais detalhada da produção poética contemporânea, na qual Sophia se insere como figura imprescindível na formação de um ideal de nacionalidade Portuguesa. Importante destacar, nos planos; histórico, político e, sobretudo, social, a casa como espaço de isolamento é substituída por um símbolo de convergência, elo com o espaço exterior. Os ideais políticos acerca de um novo governo e, por consequência, uma nova realidade social, impulsionou o sonho de um novo projeto. Não tardou para que a semente da esperança germinasse e desse lugar ao ideal poético de uma nova cidade.

3 A CIDADE DA REALIDADE

“Um símbolo mais complexo, que me deu as maiores possibilidades de exprimir a tensão entre a racionalidade geométrica e o emaranhado das existências humanas, foi o da cidade” (CALVINO, 1990, p. 89). Assim discorre Ítalo Calvino em seu celebre **Seis propostas para o próximo milênio**. Essa tensão entre o espaço físico e a subjetividade humana é própria do meio citadino, pois como afirma Cordeiro Gomes (1994):

A cidade como ambiente construído, como necessidade histórica, é resultado da imaginação e do trabalho coletivo do homem que desafia a natureza. Além de continente das experiências humanas, com as quais está em permanente tensão, ‘a cidade é também um registro, uma escrita, materialização de sua própria história’ (GOMES, 1994, p. 23).

Pensando o que diz Gomes (1994), essa tensão entre a cidade e as experiências humanas suscita uma reflexão em torno das imagens urbanas presentes em Sophia, pois em uma leitura inicial dos poemas da escritora, é inevitável conceber o espaço urbano como lugar de hostilidade e degradação humana. Para essa poeta portuguesa, natural da cidade do Porto, “Uma terrível atroz imensa/ Desonestidade/ Cobre a cidade (2011, p. 456). Percepção não menos pessimista, Eça de Queiroz, em sua obra **A cidade e as serras**, publicado em 1901, também imprime duras críticas às relações de exploração e desigualdade social que assolam as camadas menos abastadas e configuram a cidade como um lugar desumano e segregador. Em um diálogo entre Jacinto e seu amigo, Zé Fernandes, a **urbe** aparece como uma sanguessuga responsável pelo desequilíbrio social vigente:

Meu Jacinto! A tua civilização reclama insaciavelmente regalos e pompas, que só obterá nessa desarmonia social, se o capital der trabalho, por cada arquejante esforço, uma migalha ratinhada. Irremediável, é, pois, que incessantemente a plebe sirva, a plebe pene! A sua esfalfada miséria é a condição do esplendor sereno da Cidade. (QUEIROZ, 2012, p. 45).

Assim como ironiza os costumes citadinos, Eça de Queiroz naquele romance idealiza a vida bucólica, ao representar Jacinto Tormes, um homem de origem burguesa, doente e infeliz, recuperando a saúde e paz interior longe dos males da civilização. Assim como em **A cidade e as serras**, Sophia, em seu poema “Cidade”, do seu livro inaugural **Poesia** (1944), inclusive um dos poemas mais analisados da escritora, imprime a esse espaço um caráter degenerativo, ao contrário do campo, geralmente associado à natureza e a lugares edênicos, onde seria possível encontrar a unidade:

Cidade, rumor e vaivém sem paz das ruas
Ó vida suja, hostil, inutilmente gasta
Saber que existe o mar e as praias nuas
Montanhas sem nome e planícies mais vastas
Que o mais vasto desejo
E eu estou em ti fechada e apenas vejo
Os muros e as paredes, e não vejo
Nem o crescer do mar, nem o mudar das luas.
[...]

(ANDRESEN, 2011, p. 26).

Aqui os elementos referentes à natureza como mar, praia, montanhas, são representados de forma lúdica, ao contrário da cidade, representada com negativismo e afastamento, onde o tempo é perdido e a vida desperdiçada. A liberdade para o

aprisionamento do olhar seria estar junto à natureza, simbolicamente exaltada na figura do mar e suas praias nuas.

A crítica social permanece em “As pessoas sensíveis”, do **Livro Sexto** (1962), no qual Sophia descreve os elementos que compõem a rotina miserável daqueles que vivem nas ruas: “Aquele roupa / Que depois da chuva secou sobre o corpo / Porque não tinham outra” (ANDRESEN, 2011). Na sequência dos versos, a presença dos vocativos e o tom de oratória demonstram a característica revolucionária e religiosa fundidas em um só sentimento de justiça e denúncia: “Ganharás o pão com o suor do teu rosto / Assim nos foi imposto / E não: / Com o suor dos outros ganharás o pão / Ó vendilhões do templo” (ANDRESEN, 2011). A cidade como lugar do comércio sem medidas é também a cidade dos homens que não podem defender-se da usura de outros homens: “Ó Cheios de devoção e de proveito”. (ANDRESEN, 2011, p. 435).

Em “Cidade dos outros”, do livro **Geografia** (1967), a poeta expressa o pavor e a inevitável relação espacial entre a cidade e a casa: “E com um sabor de coisa morta/ A cidade dos outros/ Bate à nossa porta” (ANDRESEN, 2011, p. 456). Nesse poema, a desonestidade não se restringe ao espaço urbano, pois, considerando a relação espacial, social e política entre esses espaços, a desonestidade acaba por bater à nossa porta, espaço limiar entre a casa e a rua. A partir dos trechos exibidos, fica evidente a relação conflituosa estabelecida entre Sophia e a cidade. No entanto, seria precipitado imprimir à poesia de Andresen um caráter dualista relacionado aos signos poético-espaciais em questão. É preciso, sem sombra de dúvidas, atentarmos para os aspectos simbólicos da cidade representados em sua poesia.

No poema “Noite de Abril”, do livro **Poesia** (1944), Sophia revela o desejo de transformar em uma nova rua, a rua do costume: “Uma rua nova destruiu a rua do costume / Como se nela sempre houvesse esse perfume” (ANDRESEN, 2011, p. 39). A imagem da rua emerge como símbolo de liberdade, uma rua contrapondo-se ao regime vigente. Essa nova rua só ressurgiria através de uma Revolução, após o período da ditadura salazarista, como foi a Revolução dos Cravos de 25 de abril de 1974. Durante esse momento crítico da história portuguesa, Sophia exerceu papel político importante, destacando-se como uma das escritoras mais vigorosamente revolucionárias da sua época: “Tenho medo de tudo, só não tenho medo da política” (PASSOS, 2016).

Assim como em “Noite de Abril”, no poema “A Forma Justa” do livro **O Nome das coisas** (1977), Sophia segue idealizando uma cidade mais humana, que acredita ser

possível construir, pois não sendo a traição cometida pelo homem, a própria terra ofertaria reino e liberdade.

Sei que seria possível construir o mundo justo
As cidades poderiam ser claras e lavadas
Pelo canto dos espaços e das fontes
O céu o mar e a terra estão prontos
A saciar a nossa fome do terrestre
A terra onde estamos — se ninguém atraçoasse — proporia
Cada dia a cada um a liberdade e o reino
– Na concha na flor no homem e no futuro
Se nada adoecer a própria forma é justa
E no todo se integra como palavra em verso
Sei que seria possível construir a forma justa
De uma cidade humana que fosse
Fiel à perfeição do universo
Por isso recomeço sem cessar a partir da página em branco
E este é meu ofício de poeta para a reconstrução do mundo
(ANDRESEN, 2011, p. 660).

Aqui, falar em uma nova cidade, necessariamente, implica falar em política, pois o justo exercício político impossibilita a corrupção, assim como impede a degradação da vida urbana. Dessa forma, torna-se imprescindível atentar para o caráter moralizante e transformador dessa poesia, na qual a busca por justiça apresenta-se como um dos sentidos de sua própria natureza poética. Partindo desta premissa, transformar o meio cidadão surge como um ideal de integração poética, que, por sua vez, projeta-se para a concretização do sonho-projeto de uma nova cidade. Para isso, Sophia estabelece não apenas os princípios morais de justiça e liberdade, mas também, acalenta aspirações estéticas de uma cidade ideal: “Fiel à perfeição do universo” (ANDRESEN, 2011, p. 660).

Com sua organização original e exatidão das formas geométricas, Brasília destaca-se por sua arquitetura. No poema “Brasília” do livro **Geografia**, a autora faz uma homenagem à cidade brasileira: “Desenhada por Lúcio Costa, Niemeyer e Pitágoras/ Lógica e Lírica/ A essência universal das formas justas” (ANDRESEN, 2011, p. 516). Assim como Brasília, Lagos, com sua beleza paradisíaca, configura-se outra cidade privilegiada: “Lagos onde reinventei o mundo num verão ido” (ANDRESEN, 2011, p. 633), em **O Nome das coisas**. A utopia presente na ideia de cidade configura-se um projeto arquitetônico e estético idealizado pela escritora “Na nitidez de Lagos /onde o visível/ tem o recorte simples e claro de um projeto/ o meu amor da geometria e do concreto/ rejeita o balofô oco da degradação” (ANDRESEN, 2011, p. 617).

No poema “Na cidade da realidade encontrada e amada” do livro **Mar novo**

(ANDRESEN, 2011, p. 358), o eu lírico abre a porta para ver as estrelas em um gesto de comunhão, casa e cidade se unem em um só elemento:

Na cidade da realidade encontrada e amada
Caminhei com a brisa pelas ruas
Havia muros brancos e janelas pintadas
[...]
E as esquinas ergueram as suas sombras azuis
Ao longo de um silencio de árabe
E do abril dos campos
Veio um perfume inteiro de searas
E quando abri a porta, as estrelas surgiram
O sol da lentamente a volta as praças e aos quartos
Para varrer o chão e preparar a noite
Que é redonda, azul e atenta
E a porta da cidade é feita de dois barcos
Oh quem dirá o verde o azul e o fresco
O hálito da água e o perfume do vento
Vê-se a manhã criar uma por uma cada coisa
Vê-se quebrar a onda da noite transparente.
(ANDRESEN, 2011, p. 358).

A noite é redonda, cíclica como o tempo da eternidade, em detrimento de um tempo dividido, cronometrado, tempo do trabalho. Os elementos de transição, “porta”, “janelas”, “muros”, “esquinas” estão presentes para proporcionar a integração dos espaços. “Vê-se amanhã criar uma por uma cada coisa”, a espera pelo primeiro dia, um dia justo e claro como o sol que da meia volta pelas praças, assim como pelos quartos. E nada falta para uma cidade paraíso, os elementos naturais, a água, o vento, o verde dão o frescor das ruas. Uma revolução de cores, na beleza real de um abril justo. Aqui, o projeto de cidade ideal imbrica-se ao espaço da casa e o símbolo da casa se integra ao sonho de uma nova cidade, a cidade-casa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de tais reflexões sobre Sophia e sua relação poética com os espaços “casa” e “cidade”, foi possível articular as representações simbólicas e as categorias sociológicas a fim de abrir essa reflexão acerca das imagens. Contudo, isso não acontece apenas no âmbito da representação poético-literária, mas também no de uma análise ético-social dessas categorias, proposta que, tendo por base o afeto presente na imagem, torna o estudo em torno das relações de subjetivação e coletividade um campo permeado de novas possibilidades.

Problematizar essas representações do ponto de vista ético-social, só tem a gerar novas discussões acerca de como o afeto subjaz às diversas formas de nos relacionarmos com o outro e com o mundo, tanto no sentido de proteger a intimidade, como no de lançar vistas sobre a alteridade, idealizando assim uma coletividade mais humana. Nesse sentido, Sophia com seu olhar de clarividência faz poesia como quem mostra aos seus leitores a importância vital de perceber o que nos cerca. Pensando o estar no mundo como o ser no mundo, a poeta em questão não espera na praia a mudança que deseja ver, lança-se ao mar de sua subjetividade poética buscando uma cidade na qual o acolhimento social e estético assemelha-se ao aconchego da casa.

Essa necessidade em transcender os limites que enceram os espaços “casa” e “cidade” não se mostra de forma passiva, pois a tranquilidade própria dessa poesia não suplanta a força inquietante dos seus sonhos coletivos, nem tão pouco imprimem a poeta um lugar de enquadramento poético a uma causa utópica. Sophia escreve como quem desfaz muros, ao conjugar casa e cidade demonstra não temer os labirintos que os separam, abre as portas da casa e olha para a cidade assumindo assim um compromisso destinado a ela, um devir olhar sem precedentes na poesia contemporânea, o que faz de Sophia uma poeta una e da sua poesia um cosmos aberto ao mundo.

HOME AND CITY: affection spaces in the Sophia de Mello Breyner Andresen's poem

ABSTRACT

In the work of Sophia de Mello Breyner Andresen, the spaces of home and city are manifested through an imagistic choice based on morally significant values. This perspective, following the concept of poetic image as found in the work of Gaston Bachelard, we base on our work from this author's considerations about the poetic and spatial images, as well as he develops the concept of affectivity from his affective turn. In this article, the spaces will be highlighted in order to confirm an ideal of integration behind the apparent duality house/city. We intend to this analysis, a greater contribution towards discussions about the concept of affectivity, since this is a timely subject for the contemporary poetry.

Keywords: *Sophia de Mello Breyner Andresen. Affective spaces. Contemporary poetry.*

REFERÊNCIAS

ANDRESEN, S. de M. B. **Obra poética**. Lisboa: Caminho, 2011.

NASCIMENTO, S. S. Casa e cidade: espaços afetivos na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 3, p. 111-128, dez. 2016.

- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- CALVINO, Í. **Seis propostas para o próximo milénio**. Lisboa: Teorema, 1990.
- CEIA, C. **O estranho caminho dos Delfos**. Lisboa: Vega, 2003.
- COELHO, E. P. Sophia: a lírica e a lógica. **Revista Colóquio-Letras**, Lisboa, n. 57, set. 1980.
- CLOUGH, P. The Affective Turn. In: GREGG, M.; SEIGWORTH, G. (Org.). **The affect theory reader**. Durham: Duke University, 2010, p. 206-225.
- DOMÍNGUEZ, G.; LARA, A. El giro afectivo. **Athenea Digital – Revista de Pensamiento e Investigación Social**, v. 13, n. 3, p. 101-119, nov. 2013.
- GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HARDT, M. Foreword: What affects are good for. In: CLOUGH, P.; HALLEY, J. (Org.). **The affective turn – theorizing the social**. Durham: Duke University, 2007.
- KLINGER, Diana. **Literatura e ética**: da forma para a força. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- LOURENÇO, E. **Aquela a que chamam apenas Sophia**. Disponível em: <<http://leduardolourenco.blogspot.com.br/2014/07/aquela-que-chamam-apenas-sophia.html>>. Acesso em: 01 mar. 2016.
- DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MASSUMI, B. Requiem for Our Prospective Dead (Toward a Participatory Critique of Capitalist Power). In: KAUFMAN, E.; HELLER, K. J. (Org.). **Deleuze and Guattari: New Mappings in Politics, Philosophy and Culture**. Minneapolis: University of Minnesota, 1998.
- PASSOS, M. A. Sophia de Mello Breyner Andresen: “Escrevemos poesia para não nos afogarmos no caos...”. **Jornal de Letras, Artes e Idéias**, Lisboa, 16 fev. 1982. Lisboa. Entrevista. Disponível em: <<http://purl.pt/19841/1/galeria/entrevistas/fl/pag1.html>>. Acesso em: 27 jan. 2016.
- PEREIRA, M. S. Sophia: “Sou uma mistura de Norte e Sul”. **Jornal de Letras, Artes e Idéias**, Lisboa, n. 135, 05 fev. 1985. Lisboa. Literatura. Entrevista. Disponível em: <<http://purl.pt/19841/1/galeria/entrevistas/03.html>>. Acesso em: 27 jan. 2016.
- QUEIRÓS, Eça de. **A cidade e as serras**. São Paulo: Ática, 2012.
- RISÉRIO, A. **Mulher, casa e cidade**. São Paulo: Editora 34, 2015.
- SILVEIRA, J. F. Casas de Escrita. In: SILVEIRA, J. F. **Escrever a casa portuguesa**.

Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.

Recebido em: 20 maio 2016.
Avaliado em: 30 jul. 2016.
Publicado em: 31 dez. 2016.

Como referenciar este artigo científico:

NASCIMENTO, S. S. Casa e cidade: espaços afetivos na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 3, p. 111-128, dez. 2016.

NASCIMENTO, S. S. Casa e cidade: espaços afetivos na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 3, p. 111-128, dez. 2016.